



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Brasil psicanalisado por Hélio Pellegrino

Uma vez, eu estava assistindo uma palestra do Sérgio Paulo Rouanet e, na hora das perguntas, mandei um bilhete perguntando o que ele achava de termos um presidente da República psicanalista. Bem-humorado e inteligente, ele disse que seria uma hipótese a pensar, diante de nossas atribuições federais. Lembrei disso agora, antes de falar sobre o livro *A burrice do demônio* (Editora Rocco, 304 p., R\$ 89,90), do saudoso psicanalista, psiquiatra, escritor, poeta e ativista político mineiro Hélio Pellegrino, que fez parte do glorioso grupo “Os quatro mineiros”, com Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende.

Fora de catálogo há quase 30 anos, Pellegrino nesta obra

reuniu 59 artigos que foram publicados em jornais como *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*, entre 1982 e 1988. Apesar do tempo, os textos de Pellegrino, que ouvia o Brasil falando em seu divã, estão tristemente atuais. A história de nosso presente insiste em se repetir como tragédia e farsa, como disse Karl Marx.

Temas como a necessidade da preservação da memória, busca pela verdade do tempo da ditadura, teologia da libertação, marxismo, censura, tortura e outros como as esperanças na Nova República estão nos textos literários e complexos de Pellegrino, que, profeticamente, escreveu: “No Congresso Constituinte, o Centrão resguarda - e salvaguarda - a adiposidade dos ricos, enquanto a Doutrina



de Segurança Nacional continua impávida.” Os que Pellegrino via como “afirmação de força e esperança” atualmente são os donos do poder.

e palavras...

É POSSÍVEL UNIR O BRASIL?

Nas últimas décadas, nas eleições presidenciais, em torno de um terço dos brasileiros votou na esquerda, outro terço na direita e aproximadamente um terço não foi votar, anulou o voto ou votou em branco. Sempre tivemos certa polarização, mas nos últimos anos ela se acirrou, em virtude principalmente do crescimento das comunicações nos meios eletrônicos e do fato de planos econômicos, sociais e políticos terem dado lugar a ataques pessoais, *fake news*, narrativas e outras coisas que atrasam a transformação do Brasil numa verdadeira nação.

A maior parte dos brasileiros parece acreditar que a polarização vai seguir firme e forte, com todas as mazelas possíveis e imagináveis e com todos os danos que ela causa. Mas, como nesse país até o passado é imprevisível, não dá para duvidar de nada.

É possível unir o Brasil? (Editora Planeta, 144 p., R\$ 52,00), de Helder Maldonado, jornalista, escritor e fundador do canal *Galãs feios* no YouTube, e autor do livro *Amanhã vai ser pior*, sobre os primeiros anos do bolsonarismo no poder, trata, como ele diz no subtítulo, do sonho improvável de um Brasil sem treita no grupo da família. O livro tem prefácio de Deusdete Negarestani, pseudônimo do filósofo Anderson Cleiton Fernandes Leite, que colabora com o canal *Galãs feios*.

Maldonado mergulha nas fraturas históricas e culturais de um País que, há muito, deixou de acreditar no mito do “brasileiro cordial”. Com linguagem altamente irônica e com lucidez

escancarada e debochada, o autor desmonta a fantasia de uma nação alegre e harmoniosa - uma herança ideológica, que vai de Gilberto Freyre à Rede Globo. Maldonado revela o que sempre sustentou o Brasil real: um projeto de dominação interna que transformou indígenas, negros, pobres e nordestinos nos próprios “inimigos nacionais”.

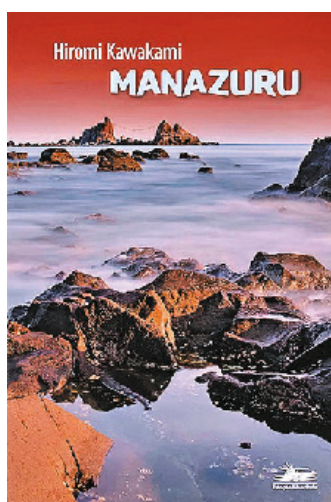
Do declínio do futebol como símbolo de unidade à fragmentação cultural da era digital, o autor mostra como a promessa de um “país de todos” se esfarela diante da desigualdade, do ressentimento e da nostalgia de um passado que nunca existiu. Tirando o deboche e o desalento, Maldonado apresenta também um gesto de afeto: o reconhecimento de que, mesmo entre ruínas, o Brasil ainda pulsa contraditório; vibrante e impossível de resumir. É por aí mesmo.

Gostar do Brasil é mais fácil do que tentar entendê-lo. Como dizia o saudoso Tom Jobim: “o Brasil não é para amadores”.

A obra mescla bem ensaio, crônica e sátira política, e reflete com contundência sobre o que significa, hoje, ser brasileiro. Ao fim e ao cabo, o livro se pergunta se há algo capaz de nos unir além da própria desilusão.

No prefácio, Deusdete escreveu: “Quando Lula subiu a rampa em 2003, ao som de Villa-Lobos, confesso que me emocionei. Não pela derrota do fascismo ou pela teatralização do lema ‘Brasil: um País de todos’, mas pela civilização que a gente poderia ter sido e não foi - e que duvido que seremos”.

lançamentos



► **Manazuru** (Estação Liberdade, 240 p., R\$ 76,00) romance psicológico de Hiromi Kawakami, multipremiada escritora japonesa, traz Kei, mulher de meia idade que mora em Tóquio com a filha e a mãe. Há anos, carrega um trauma causado pelo sumiço inexplicável do marido. Num momento de escape, ela embarca num trem e acaba descendo por acaso em Manazuru, cidade costeira, onde muita coisa vai acontecer.



► **Mata adentro: Dominique Jardy - Natureza e Arte** (Andrea Jakobsson Estúdio, 216 p., R\$ 200,00) texto de Lorelai Kury com fotografias de Jaime Acioli, traz o trabalho da pintora muralista francesa radicada no Rio de Janeiro e mundialmente conhecida por retratar animais e plantas com sensibilidade, talento e cores vivas. Lançamento: dia 24, às 19h, na Gobbi Novelle, (rua Quintino Bocaiuva, 890).



► **Liderança que inspira resultados** (Literare Books, 176 p., R\$ 54,00) de Claiton Olog Fernandez, experiente executivo, palestrante e ex-secretário municipal da Fazenda e da Administração, traz a arte de conectar mentes para alcançar propósitos em comum. Autoconhecimento, prática e transformação mostram que qualquer pessoa pode se tornar um líder.

a propósito...

Helder Maldonado, nas páginas finais deste livro que faz acreditar e desacreditar no Brasil, diz, com alguma esperança: “Sem uma resposta institucional organizada, em sintonia com a coletividade e a sociedade, não manteremos o Brasil sequer funcional, imagine unido.” É verdade. Nossas instituições precisam ouvir as vozes das ruas e funcionarem devidamente, na forma da lei,

exercendo poderes independentes e harmônicos, legislando, executando e julgando - cada macaco no seu galho, como manda o livrinho (a Constituição Federal, lembram dela?). E que Deus, Nossa Senhora Aparecida e todos os santos nos ajudem, que parece que estávamos melhor quando estávamos péssimos, como dizem os serenos italianos. (Jaime Cimenti).